



**Bernardo Pinto Coelho, 44 anos, vive com a doença há oito, tem tentado terapias alternativas**

ALEXANDRE AZEVEDO

pressão dos genes. Não há nada que eu possa fazer que não tenha feito, sustentado na realidade da plasticidade cerebral, essa plasticidade só é conseguida quando a pessoa não deita a toalha ao chão e quando acredita que é possível viver com mais qualidade a vida. Esse otimis-

mo faz com que os neurónios se articulem e se multipliquem e rearticulem para fazer este quase milagre de um problema que foi diagnosticado em 2009, sete ou oito anos depois o Bernardo ainda consegue guiar o seu carro, com dificuldade, é certo, e vai ao fim de semana pôr discos no Farol

Design com toda a sua autonomia, não é um quadro muito vulgar”, conta o pai, o médico Manuel Pinto Coelho. Nada na história de Bernardo é convencional. A mulher, Joana Horta e Costa, entrou em contacto com ele depois de ler uma entrevista sobre a sua luta contra a doença confessando a sua admiração. Casaram-se um ano e meio depois. “Eu diria que a ELA é o fogo que tem feito o aço que é o Bernardo”, diz o pai.

Ainda assim, o neurologista Mamede Carvalho sublinha que ainda não existem soluções para a doença, por muito dinheiro que se tenha na conta. “Tenho muitos doentes que foram à Tailândia e deram 40 ou 50 mil euros a alguém que está a enriquecer à custa do seu desespero, dizem que põem células estaminais e as pessoas continuam a progredir da mesma maneira. Ao longo dos meus anos ligados a esta doença não houve um mês em que

não houvesse uma solução ‘miraculosa’ Desde um médico que dava injeções em Espanha, uma clínica em Atlanta de células estaminais, depois foi o professor Wan, em Pequim, que tratou milhares de doentes inventando que punha umas coisas dentro da cabeça, uma clínica na Ucrânia, outra na Grécia, houve uma fase de Cuba, em que os doentes iam fazer fisioterapia intensiva e vinham pior porque faziam um esgotamento completo dos poucos neurónios motores restantes... Houve um doente meu que foi à Alemanha. Foi relativamente bem para lá e chegou de avião medicalizado sob ventilação não invasiva, da qual nunca mais saiu. Se esse dinheiro todo pudesse ser canalizado para um projeto de investigação para fazer um ensaio clínico em Portugal, era muito mais válido e podíamos fazer um contributo importante para a doença”.



**Tenho doentes que foram à Tailândia e deram 50 mil euros a alguém que está a enriquecer à custa do seu desespero**

**MAMEDE CARVALHO, NEUROLOGISTA**